



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

## A PERSPECTIVA EDUCATIVA AMBIENTAL NA PRÁTICA DE EDUCADORES PARTICIPANTES DE UM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Patrícia Mendes Calixto<sup>1</sup>

Carmem Lúcia Lascano Pinto<sup>2</sup>

**RESUMO:** A abordagem da temática ambiental vem se tornando cada vez mais freqüente na prática educativa contemporânea. Neste artigo, busco compreender quais são os conceitos, os objetivos e as metodologias de educadoras da educação básica ao trabalharem com Educação Ambiental. Para tanto, analisei três projetos, dentre onze trabalhos de conclusão apresentados em um curso de extensão Educação a Distância de mídias na educação, oferecido pelo governo Federal e coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande. A aproximação com as educadoras se deu a partir da minha atuação como tutora. Através de minhas atividades, pude conhecer o trabalho que elas vêm aplicando em sua prática pedagógica. A partir da seleção daqueles trabalhos que apresentavam enfoque educativo ambiental, pude observar que a Educação Ambiental vem se constituindo em um paradigma dentro da escola de educação básica. Parte dos projetos apresentou como interesse central, a contribuição para a formação de um sujeito crítico, criativo e consciente sobre o meio em que está inserido.

**Palavras-chave:** educação ambiental; educação a distância; formação continuada.

**ABSTRACT:** The approach of the environmental theme has become more frequent in the educational practice nowadays. In this paper, try to understand which are the concepts, the aims and the methodologies of primary school educators in working with EE to do so, I have analyzed three projects, among eleven graduation essays presented in an extension course

1 Geógrafa, Mestre em Educação Ambiental (FURG), Doutoranda em Educação Ambiental (FURG). Rua Eng. Alfredo Huch -CEP:96201-900 Rio Grande-RS [patricia.tutoria@gmail.com](mailto:patricia.tutoria@gmail.com)

2 Orientadora; Doutora em Educação; professora Titular Instituto Federal Sul-Riograndense. Campus Pelotas: Praça Vinte de Setembro, 455 - PelotasRS CEP:96015-360. [carminha\\_lascanop@hotmail.com](mailto:carminha_lascanop@hotmail.com)

(Distance learning of Medias in education), offered by the Federal government and coordinated by FURG. The approach with the educators was made by my duty as a tutor. Through my activities I could get to know the kind of work the educators have been applying in their pedagogical practice. From the selection of those works which presented environmental educational approach, I could observe that the EE has constituted itself in a paradigm inside primary school. Part of the projects has presented as a main focus, the contribution for the formation of a critical, creative and conscious individual about the environment he is in.

**Keywords:** environmental education; distance learning; continuing education.

## APRESENTANDO O TEMA

A Educação Ambiental cada vez mais tem se mostrado como uma exigência da contemporaneidade. No presente artigo, faço uma reflexão acerca de trabalhos de conclusão, realizados por professoras da Educação Básica do estado de Santa Catarina, participantes do curso de extensão a distância “Mídias na Educação”<sup>3</sup>. Os projetos realizados pelas educadoras, continham um viés educativo ambiental que despertou meu interesse, instigando-me a procurar compreendê-los devido à minha formação nessa área<sup>4</sup>.

A aproximação com as educadoras se deu a partir da minha atuação como tutora na segunda oferta deste curso, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), entre novembro de 2007 e julho de 2008. Através desta atividade, relacionei-me durante aproximadamente oito meses com aquelas profissionais<sup>5</sup>, fazendo o acompanhamento dos seus estudos junto à plataforma virtual E-proinfo.

O curso de formação continuada de professores em serviço, no formato modular, apresentava, no ciclo inicial, seis módulos, os quais abrangiam textos e atividades relativos ao uso prático das distintas mídias na prática educativa: rádio, TV e vídeo, informática e Internet, material impresso e Gestão em Mídias. A avaliação dos professores-cursistas se deu através do acompanhamento em atividades diversas, como fóruns, chats, diário de bordo e biblioteca,

---

3 Programa de formação continuada oferecido pelo MEC, em nível de extensão, que tem um de seus núcleos coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O programa está estruturado por módulos e tem por objetivo capacitar professores em exercício, para o uso de mídias distintas na prática pedagógica. O curso está dividido em três níveis de certificação: o Ciclo Básico de 120h; o Intermediário de 60h, e o Avançado com 180h.

4 Mestrado em Educação ambiental concluído e Doutorado na mesma área, em andamento.

5 A segunda edição estava organizada em nove turmas (pólos). O grupo com o qual trabalhei pertencia ao pólo Joinville, o qual era constituído por professores da Educação Básica de escolas públicas de vários municípios da região. Este grupo era formado por cerca de 57 professores, os quais ficaram reduzidos a 37 no final do Ciclo Básico. A evasão em cursos a distância é muito alta e vários fatores podem contribuir, tais como: a falta de planejamento para os estudos, dificuldade de acesso a equipamentos como computadores adequados e internet. Este ciclo compreendeu o período de novembro de 2007 a julho de 2008.

nas quais eram apresentadas as reflexões feitas pelos participantes a partir de estudos dos textos presentes nos módulos, bem como de outras indicações de leitura complementar. Também fizeram parte da avaliação, a participação nos encontros presenciais<sup>6</sup> e a apresentação de um projeto ao final do ciclo, com o uso de pelo menos duas das mídias estudadas.

Parte dos professores optou por apresentar trabalhos que já estavam sendo desenvolvidos nas suas escolas. Dentre estes, percebi que alguns tiveram por objetivo contribuir para a formação de sujeitos mais críticos e capazes de interpretar a realidade complexa onde estão inseridos. Assim, pensei ser importante compreender as concepções ambientais que estão emergindo da prática escolar, as quais estão sendo evidenciadas em trabalhos como os que foram selecionados para este artigo.

Sendo assim, escolhi três dos onze trabalhos apresentados pela turma na qual fiz a tutoria e, através deles, procurei conhecer a base conceitual que sustentava as propostas das professoras bem como as abordagens utilizadas.

Por delimitação de tempo para esta reflexão, não estenderei a análise com relação ao uso das mídias nas propostas. Este enfoque poderá ser ampliado em outro momento.

## **O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

Nos últimos anos, tem sido solicitada a todos os profissionais uma constante atualização. Na educação isto não é diferente. O modo como a escola tradicional está estruturada, desde o seu currículo<sup>7</sup> até a prática em sala de aula, vem sendo questionado em todas as suas facetas. Cunha (2008), dentre outros autores, analisa que a educação escolarizada como um produto da modernidade traz em si a marca de um movimento paradigmático que precisa ser rompido, pois, nesta concepção, a subjetividade é descartada.

Ainda, analisando as necessidades de mudança na prática docente, Castro (2005) observa que as transformações ocorridas no mundo do trabalho, especialmente provocadas pela globalização, afetaram o perfil dos trabalhadores, o que se refletiu nas políticas para a educação. Enquanto que na década de 1970 houve um direcionamento à preparação para o mercado de trabalho (tecnicista), atualmente, segundo esta autora, as mudanças exigem um

---

6 Foram realizados, ao longo do Ciclo Básico três encontros presenciais em Joinville, um ao início do curso, o segundo, chamado “Mutirão” na metade do curso, e o terceiro encontro de encerramento, no qual os professores apresentaram suas propostas de trabalho.

7 Sobre esta temática ver Veiga-Neto (2006).

novo perfil dos trabalhadores (mais criativos, autônomos e flexíveis), o que novamente contribui para alterar o papel dos profissionais de educação, já que estes são os principais agentes no processo educativo formal.

Assim, na contemporaneidade, percebe-se grande número de novas exigências educacionais, porém, concomitantemente, há o reconhecimento de que não há modelos educacionais fechados a serem seguidos. Isto, sem dúvida, exige dos professores uma prática pedagógica alicerçada em pressupostos claros, mas construída ao longo da atividade docente. A formação continuada torna-se fundamental.

O direcionamento reflexivo apresenta-se como eixo na formação do professor, exigindo-lhe “ser mais participativo e ter mais autonomia para decidir sobre a sua atuação no cotidiano escolar” (CASTRO, op. cit., p.474), abrangendo a complexa realidade e problematizando-a. Propicia-se, dessa forma, que o ato de educar aconteça de forma criativa e interativa, sendo determinante para tal que o educador volte seu olhar para o meio em que o seu aluno está inserido.

Seguindo essa tendência de qualificação dos profissionais em todos os níveis, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Secretaria de Educação a Distância (Seed) tem proporcionado cursos de extensão para professores da rede pública do Brasil. Desde 2001, tem havido destaque para o oferecimento de cursos na modalidade EaD (Educação a Distância) de maneira que professores das áreas mais distantes dos grandes centros tenham a possibilidade de receber qualificação adequada. A EaD foi regulamentada no Brasil pelo Decreto nº. 5.622/05.

Como exemplo de uma dessas propostas de formação continuada, citamos o curso de extensão “TV na escola e os desafios de hoje”, que objetivou capacitar professores para o uso de tecnologias de comunicação e informação na prática escolar. No Rio Grande do Sul, a FURG foi uma das instituições que coordenou este projeto em suas quatro edições, entre 2001 e 2004, nas quais atuei como tutora.

O curso “Mídias na Educação”, em desenvolvimento, mantém proposta semelhante, buscando que o educador possa através do uso de distintas ferramentas proporcionar a constituição de alunos-leitores mais críticos e criativos.

Assim, através das estratégias adotadas nesse curso de EaD, isto é, leitura do material disponibilizado nos módulos e das atividades propostas, foi possível interagir com esses educadores (pela plataforma, chats, MSN, e-mails) e conhecer suas metodologias de trabalho,

bem como seus anseios quanto aos projetos que procuram desenvolver junto a seus alunos. Sobretudo nos trabalhos de conclusão do curso, nos quais é solicitado que os cursistas relacionem as atividades de estudo à sua prática de sala de aula.

Foi neste convívio que percebi preocupações latentes com relação à formação de sujeitos mais responsáveis e com uma visão ampla sobre o meio onde vivem, de maneira que possam interagir de modo menos agressivo sobre ele. Para isto, algumas propostas apresentavam características educativas ambientais, que mostram que excelentes trabalhos têm sido realizados por professores da escola básica das mais distintas áreas.

### **A PRESENÇA DA PERSPECTIVA EDUCATIVA AMBIENTAL EM PROPOSTAS PARA O ENSINO BÁSICO**

Em 2006 realizou-se uma pesquisa nacional, através da Secretaria de Educação Continuada (Secad/MEC), com o objetivo de mapear a presença de EA nas escolas<sup>8</sup>. Neste trabalho, realizado em parceria com universidades de todas as regiões do Brasil, os pesquisadores investigaram como, por quem e de que forma vem sendo desenvolvida a EA nas instituições de educação básica.

A pesquisa apontou resultados relevantes, como o de que teria havido uma forte expansão da EA nas escolas a partir de 2001 e também que esta abordagem ocorreu com a utilização de três estratégias, principalmente, quais sejam: projetos (66%), disciplinas especiais (38%) e inserção da temática ambiental nas disciplinas (6%).

Além disso, os autores verificaram que o grande objetivo desses trabalhos estava na conscientização dos alunos e da comunidade para a importância do exercício da cidadania, bem como na sensibilização para o convívio com a natureza.

O coordenador da pesquisa na região sudeste, Loureiro (2006), valorizou esses resultados e destacou a importância de dar seqüência ao que vem sendo feito, somando outras ações às de sensibilização e conscientização, indicando que é preciso aliar teoria e prática nas atividades escolares, direcionando-as à comunidade. Isto porque este autor entende que a escola deve funcionar como um canal de comunicação com a população, de maneira que seja possível promover a reflexão do papel do cidadão nas condições socioambientais. Nessa perspectiva, fala-nos da relevância de fortalecer a participação dos atores sociais externos à

---

8 Pesquisa intitulada: "O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental." Disponível em:<  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154576por.pdf>>

escola, nas distintas etapas de gestão da EA, desde o planejamento até a execução das atividades.

Os trabalhos em EA devem possibilitar a problematização da realidade, no sentido de que é preciso pensar não apenas o porquê, mas como e para onde levarão os atuais modelos de intervenção na natureza humana e não-humana que temos praticado.

Os estudiosos da EA nos quais nos sustentamos também entendem como fundamental considerar a realidade como um entrelaçamento de setores distintos como o social, o econômico e o ambiental, de maneira que ao pensar a questão ambiental de uma comunidade específica considere-se, antes, o contexto no qual está ela inserida.

Isto significa perceber o entorno, não no sentido de analisá-lo como resultado de um somatório de ações realizadas ao longo do tempo, mas como reflexo das orientações ideológicas que percorreram os diferentes períodos históricos e que deixaram suas marcas materiais ao longo do tempo e do espaço. Essas marcas nada mais são do que as mudanças impostas na natureza não-humana e que se dão através das relações de trabalho exercidas pelos homens, conforme aponta Santos (2006).

Essa realidade a qual me refiro nos remete ao conceito de território<sup>9</sup> onde a relação tempo-espaço, por exemplo, evidencia um emaranhado complexo de manifestações concretas e subjetivas dos distintos sujeitos que compõem o ambiente. Sujeitos estes que englobam também os grupos presentes na escola, alunos, professores e administradores.

Na prática pedagógica, esta situação significa que não há mais lugar para rigidez nos planejamentos de aula, sendo premente que a ação educativa volte-se para atividades que permitam aos jovens selecionar, relacionar e contextualizar a imensa quantidade de informações que estão ao nosso alcance. No mundo atual, o ensino aprendizagem exige flexibilidade com relação ao tempo-espaço, isto é, onde e quando aprender e ensinar. Na esteira dessas reflexões, identifica-se a necessidade de pensar sobre as metodologias que podem contribuir para nos encaminharmos para o alcance desses objetivos.

---

<sup>9</sup> Nessa perspectiva, trago breves considerações acerca do conceito de território, fundamental ao tratarmos da EA. No âmbito das especificidades deste trabalho, não poderia aprofundar as discussões sobre este conceito, as quais são bastante complexas e extensas. Contudo, apoio-me nas reflexões de Haesbaert (2004) o qual afirma que o território está imerso em relações de poder, no sentido concreto, isto é, a dominação e de cunho simbólico, a apropriação. Assim, o território e a territorialização devem ser trabalhados a partir da multiplicidade de suas manifestações. Portanto, conforme o autor citado, o território é funcional e simbólico já que a partir dele realizam-se funções e produzem-se significados.

Este panorama me faz pensar que para a prática da EA, nós educadores, temos como desafio responder ao questionamento trazido por Roux (2004, p.48), isto é, “o que é ser e estar em nosso tempo?” Este autor afirma que o tempo presente não é condicionado pelo passado, e por isso nosso futuro não é determinado pelo sentido da história. Este raciocínio leva a idéia de tempo como um rizoma proposto por Deleuze e Guattari<sup>10</sup>.

Essa noção para a EA é fundamental, pois alicerça um novo modo de pensar o mundo contemporâneo onde ele faça sentido para os alunos. E para isto acontecer é importante perceberem que a comunidade da qual fazem parte está conectada a outras comunidades e a outras esferas sociais, como municípios, estados e países e, sendo assim, sofrem e refletem decisões tomadas fora de seus grupos sociais. Conforme Pontuschka (1994, p.26), o saber adquirido no meio é um “método para conhecer um objeto de estudo extraído da realidade local ou de outras realidades”, e este possibilita a problematização de distintos aspectos, inclusive contribuindo para o delineamento de possíveis soluções.

Os educandos ao serem levados a observar, perceber, descrever, e sistematizar os aspectos da realidade, poderão analisar criticamente as situações que dali emergem. Esta experiência permitirá que seja possível o exercício de olhar para si e para o contexto no qual estão inseridos, articulando os acontecimentos locais com as diferentes escalas, regionais, nacionais e globais.

Por isso a escola tem um papel fundamental e pode contribuir enormemente ao propiciar experiências de aprendizagem<sup>11</sup> que promovam o elo entre a ciência e o cotidiano, entre o local e o global, entre o individual e o coletivo, favorecendo a comunicação entre escola e comunidade com uma perspectiva mais crítica.

Ainda quanto ao olhar para a realidade é interessante o que traz Larrosa sobre a questão de “ler” (2004, p.16):

Para dar a ler é preciso esse gesto às vezes violento de problematizar o evidente, de converter em desconhecido o demasiado conhecido, de devolver certa obscuridade ao que parece claro, de abrir uma certa ilegibilidade no que é demasiado legível.

---

10 A idéia de tempo como um rizoma, desfaz a noção do tempo como algo linear. É preciso pensar o tempo como uma intensidade e não com início e fim, mas como uma trama, na qual várias situações intercalam-se. Sobre esta temática, ver: Deleuze & Guattari (1995); Haesbaert (2002).

11 Sobre esta temática ver Larrosa (2002).

Acredito que esta idéia apresentada pelo autor seja um dos grandes desafios para os educadores contemporâneos em seu fazer pedagógico. Descortinar a realidade a partir do que nos parece evidente, do que se assemelha ao comum não é uma tarefa fácil e, soma-se a isso a necessidade de converter essa situação em uma linguagem que seja entendida por nossos estudantes.

Sendo assim, torna-se válido conhecer os conceitos que os professores da escola básica vêm apresentando em sua prática, especialmente pelo fato de que esta instituição é um dos meios mais importantes para a divulgação de idéias e conceitos, ao lado da família.

### **A CONTEXTUALIZAÇÃO DESTA REFLEXÃO**

Os trabalhos analisados nesta pesquisa foram apresentados como requisito para o término do Ciclo Básico do curso de extensão “Mídias na Educação”, sendo que para a sua realização havia a exigência de que duas mídias, dentre as estudadas (informática, internet, TV e vídeo, rádio e o material impresso), aparecessem como recurso pedagógico, as quais poderiam ser escolhidas livremente pelos professores.

As produções apresentadas ao término do ciclo foram bastante variadas, sendo adotados, desde jornais impressos a *blogs*, tendo como objetivo fazer circular na comunidade escolar e vizinha, informações sobre a própria escola e o bairro onde esta estava situada, bem como realizar o intercâmbio de informações entre as escolas.

Coube a mim, como tutora da turma, avaliar cada um dos trabalhos, não tendo fugido ao meu olhar de educadora ambiental, os assuntos relacionados com esta temática ou que poderiam ser a ela associados.

Assim, fiquei estimulada a verificar como estão sendo tratadas temáticas relevantes para a Educação Ambiental, como estão sendo discutidos os conceitos relacionados a EA, quais os objetivos desses trabalhos e quais estratégias estão sendo adotadas para abordar esse assunto.

Os projetos em questão foram elaborados por educadoras graduadas em Pedagogia, Artes Visuais e Letras, sendo que duas delas possuem pós-graduação em nível de especialização. Todas atuam em escolas públicas da área urbana e suas idades variam entre 28 e 38 anos. O tempo de atuação dessas educadoras em sala de aula está entre quatro e quatorze anos.



## **TECENDO REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA EDUCATIVA AMBIENTAL PRESENTE NOS TRABALHOS SELECIONADOS DA TURMA DE JOINVILLE**

Analisei os projetos selecionados separadamente, sendo importante salientar que todos apresentaram como traço comum o fato de já estarem sendo desenvolvidos em suas respectivas escolas, o que fez com que já existissem resultados preliminares no que diz respeito ao alcance dos objetivos planejados pelas educadoras.

Desta maneira, pretendo problematizar as questões que emergiram durante a leitura desses projetos as quais julguei mais pertinentes para o objetivo desta reflexão.

É importante destacar que algumas informações de cunho pessoal dessas educadoras foram obtidas por meio do cadastro junto ao programa Mídias. Para acessar a essas informações solicitei autorização via e-mail.

### **Educar para fortalecer a Identidade Cultural<sup>12</sup>**

Este trabalho foi desenvolvido com alunos da 5<sup>o</sup> série do ensino fundamental, em duas escolas municipais urbanas, por professoras das áreas de história, português, artes e ciências. Elas sustentaram uma proposta que denominaram abordagem construtivista sócio-interacionista<sup>13</sup>, a qual, em seu entendimento, propicia aos alunos participarem de maneira ativa e dinâmica do processo de construção do conhecimento, ampliando sua visão de mundo, favorecendo, portanto, a compreensão do meio em que vivem. As atividades envolveram um trabalho com o hino da cidade, o estudo da obra do artista plástico de Joinville, Juarez Machado, a produção de um blog mantido pelos educadores e pelos alunos, além de inúmeras saídas de campo e produção de relatórios sobre a biodiversidade local.

Dois aspectos foram os mais contundentes neste projeto para que eu o categorize como de caráter educativo ambiental: primeiro a questão de investigação colocada, na qual elas propõem um estudo sobre o município, direcionando seus alunos a “*compreender as necessidades e problemas atuais da cidade e posicionar-se de forma a apontar possíveis soluções.*”<sup>14</sup>; segundo, a intenção de promover o fortalecimento da identidade cultural.

---

12 Os títulos para cada trabalho analisado foram dados por mim, os quais foram associados as características principais apresentadas pelos projetos.

13 Para entender um pouco sobre Vygotsky: Vygotsky (1993); Molon (2003).

14 Citação retirada do trabalho.

O estabelecimento deste caminho a ser trilhado pelo trabalho, nos remete a um tipo de metodologia que é identificada como “Estudo do Meio” (Pontuschka et al, 2007), conforme apontam os objetivos relacionados pelas proponentes. Um dos quais prevê que os alunos possam desenvolver o espírito crítico sobre os problemas e necessidades locais, a partir de saídas de campo para reconhecimento local.

De acordo com Freire (1987), a organização do conteúdo programático a partir da realidade mediatizadora possibilita respostas aos questionamentos que emergem da reflexão sobre a comunidade e sobre o local onde ela está inserida. Desta forma, estes sujeitos estariam não apenas modificando a dinâmica do aprendizado, saindo da passividade e passando a ação, mas também exercitando a escrita, a expressão artística, a oralidade e a criatividade, pois os alunos fizeram o registro dessas observações e foram instigados a pensar em soluções para os problemas encontrados.

Pesquisas já realizadas, como a de Meyer & Munson (2005), indicam a técnica da escrita como uma estratégia de facilitação do pensamento criativo. Esses autores sugerem que essa opção metodológica possa contribuir de maneira consistente para o debate sobre os impactos ambientais. Pois através delas os alunos podem expressar o que percebem como impacto e associar às ações humanas, passando em seguida para novas ações, modificando assim as ações anteriores. Um trabalho realizado por estes autores, utilizando a metodologia da expressão escrita, permitiu que os pesquisadores detectassem o benefício aos estudantes com relação à compreensão e a conscientização sobre os impactos, já que ao escrever o que percebem, passam a refletir e a pensar em respostas para os problemas observados.

Isto contribui de maneira significativa para a construção coletiva de um olhar crítico sobre a realidade em que o grupo está inserido para o estudo, alcançando importante princípio da EA, a criticidade.

A proposta ainda envolveu a interação entre professores de áreas distintas não apenas para a sua concepção, mas também para a sua aplicação.

As escolhas epistemológicas propiciaram o desenvolvimento de diversos fundamentos da EA, tais como: trouxeram consigo o caráter dialógico, preconizado por Freire (1987) como fundamental entre educadores reflexivos; favoreceram a visão multidisciplinar dos fenômenos, visto que a prática educativa ambiental requer um olhar para a multiplicidade de fatores que constituem o local e estimularam o protagonismo dos jovens, permitindo-lhes questionar o que está naturalizado.

Outro aspecto relevante desta proposta é a valorização da identidade cultural, já que esta se encontra estreitamente inter-relacionada às questões ambientais da comunidade. Portanto, esse enfoque pode contribuir para a manutenção da memória local, bem como para o cuidado com o patrimônio.

Berna (2004) traz uma reflexão importante a respeito da falta de vínculo dos sujeitos que interagem com um ambiente e com o patrimônio local, em geral, consequência da mobilidade humana sobre o espaço:

Sem identidade cultural, importa muito pouco saber que o patrimônio da coletividade, seja ambiental, seja arquitetônico, histórico, cultural, a própria rua, a praça, está sendo ameaçado ou destruído. À medida que essa gente não se sente dona desses espaços coletivos - que são considerados como terra de ninguém ou como pertencentes aos governos dos quais não gostam - também não se mobilizam em sua defesa. Assim, não há nenhuma sensação de perda diante de uma floresta que deixa de existir ou de um lago ou manguezal aterrado, pois a população residente, em sua maior parte, por não ter identidade cultural com o lugar em que vive, também não se sente parte dele.

Essa contribuição nos leva a crer que a escola, através de projetos como este, poderá contribuir de maneira decisiva não apenas para o conhecimento acerca do patrimônio cultural, mas também do ambiental local. Desta maneira, se houver vínculo das atividades da escola com a comunidade é possível que a extensão do trabalho alcance aqueles que estão fora dela, cooperando assim, para evitar possíveis agressões e degradações.

### **Educar para a Autonomia**

A realização desta atividade ocorreu junto aos alunos da 2<sup>o</sup> série do ensino fundamental e a educadora responsável é pedagoga pós-graduada e trabalha em sala de aula há quatro anos.

A proposta partiu da necessidade de “*conscientizar*” os educandos para o meio ambiente, possibilitando melhorar, o que a educadora chamou de sobrevivência e bem-estar. Para isto, ela propõe “*sensibilizar*”<sup>15</sup> para o uso correto dos recursos naturais. Assim, a partir da leitura e da interpretação do livro “Que planeta é esse?”<sup>16</sup>, os alunos passaram por processos de reflexão e reescrita da história de modo a viabilizar a busca de soluções para a temática ambiental.

---

15 Ambos os termos, conscientizar e sensibilizar, foram usados pela educadora.

16 RENO, Regina Coeli. Que planeta é esse? São Paulo, FTD Editora, 1998. Livro paradidático direcionado ao público infanto-juvenil que problematiza a forma como os seres humanos vêm tratando o planeta Terra.

Dois outros conceitos importantes emergem neste trabalho: o de desenvolver o senso crítico nas crianças e o de incentivar a autonomia.

Tanto a conscientização como o desenvolvimento do senso crítico estão claramente presentes na obra de Freire (1979; 1987; 1996). O educador destacou que através da análise crítica da realidade, os sujeitos tornar-se-iam libertos:

A conscientização implica, pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1979, p.15)

Neste sentido fica evidente que através do estabelecimento de relação com a realidade, nos dedicamos com profundidade a descobrir o ambiente não apenas nos âmbitos biológico e físico, mas social, cultural, econômico e histórico. Essa relação é complexa e exige atenção para as várias dimensões que a compõem.

Sobre este conceito, Sato (2001), concordando com Freire, avaliou que o mundo não deve funcionar apenas com base na consciência, mas também em ações práticas. A autora argumenta que há diversas formas de conhecimento e a relação com o local proporciona a vivência e a construção do conhecimento a partir dela. Como seres históricos “capturamos a realidade na medida em que somos capazes de concebermo-nos nos nossos próprios mundos” (op.cit, p.21) e isto significa estar a par do que acontece ao nosso redor, estabelecendo assim uma visão mais apurada e mais sensível sobre nossa própria existência.

A conscientização através da sensibilização pode ser fecunda, se forem aceitas as representações<sup>17</sup> desses alunos para iniciar este processo, pois, ainda conforme Sato (op.cit. p. 21):

A natureza nunca pode ser separada de alguém que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si porque suas articulações são as mesmas de nossa existência e porque ela se estabelece no fim de um olhar ou ao término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade.

Assim, na prática educativa é salutar que o professor possa estar ciente da necessidade de conhecer a maneira como estão compartilhando os conceitos que envolvem a questão ambiental, pois do contrário, o educador corre o risco de manter um discurso que não

---

17 O termo representação foi amplamente discutido por Moscovici (1994). Para este autor, a representação é uma construção social. Reigota (1997, p.70), baseando-se em Moscovici, define Representação Social como “[...] um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam a realidade.”

contemple a realidade do aluno, portanto, do que preconizou Freire com relação à conscientização ao longo de sua obra.

Ainda, relacionando à obra de Freire (1996) também é importante o destaque para o conceito de autonomia, a qual o projeto buscou estimular nos estudantes. Para o autor o ato de ensinar para a autonomia requer uma ação política por parte do professor, o que não significa agir partidariamente nem ideologicamente. Entretanto, o educador deve atuar no sentido de favorecer o desenvolvimento da consciência e a percepção sobre o entorno, considerando as peculiaridades de cada meio, de maneira que os estudantes, como cidadãos ativos, compreendam seus direitos e deveres e possam, não apenas cobrar por melhores condições de vida, mas também agir em prol daquilo que acreditam ser importante. A autonomia está, portanto, relacionada a ações responsáveis e coerentes com o discurso propagado.

### **Educar para a Sensibilização**

Este trabalho foi orientado por uma educadora da área de letras, junto aos alunos da 8<sup>o</sup> série de uma escola municipal. O tema central foi a questão da sensibilidade dos estudantes em relação aos acontecimentos do bairro onde moram. A educadora propôs-se a identificar como seus alunos compreenderam alguns episódios ocorridos ao seu redor, e como perceberam a repercussão deles em suas vidas.

Para diagnosticar esta situação, a educadora elencou várias atividades. Na primeira etapa foi feita a coleta de dados sobre o bairro, através de pesquisa de campo, fotografia e entrevista com os moradores.

Em um segundo momento os alunos, divididos em equipes, produziram um documentário que apresentou as peculiaridades do bairro. Para isto, precisaram articular atividades de leitura e escrita para a produção das entrevistas e roteiro. Para Pontuschka (op.cit, p. 175) o estudo a partir do meio “pressupõe o diálogo, a formação de um trabalho coletivo e o professor como pesquisador de sua prática”.

A participação de professores das mais distintas áreas, seja de forma multidisciplinar ou interdisciplinar, contribui para a percepção do real a partir de vários ângulos, nos quais se assentam os diferentes campos do saber. O que ocorreu nesta atividade, já que esta educadora contou com a colaboração de colegas das áreas de história e de artes que abordaram a temática na perspectiva de seus campos.

A análise de fatores sócio-econômicos e ambientais, das condições de vida e de saúde no meio, bem como da intervenção humana, tornou-se igualmente relevante. Assim, peculiaridades como a presença da diversidade étnica, cultural e artística, além da identificação das distintas manifestações e representações que se dão no território em questão fica muito mais clara e possibilita um maior entendimento das relações que ali estão estabelecidas. Para Larrosa<sup>18</sup> (2002) a perspectiva de aliar a teoria e a prática remete a uma ação política e crítica.

Sem dúvida, uma das grandes contribuições deste trabalho vem da possibilidade de proporcionar aos alunos a leitura de mundo preconizada por Freire e a pesquisa da vida cotidiana com um olhar sensível e crítico, conforme propõem os estudiosos da EA referendados neste artigo.

### **TRILHANDO OS CAMINHOS DA EA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA**

Os trabalhos apresentados pelas colegas educadoras de Joinville/SC mostraram que a temática educativa ambiental já está presente em sua prática pedagógica. A maioria das propostas buscou conscientizar e sensibilizar os alunos para as questões ambientais, condição para que se tornem comprometidos e participativos.

Em três trabalhos as professoras optaram pelo estudo do meio e/ou saída de campo, caminhos para conhecer a realidade local. O quarto projeto envolveu a leitura e a escrita, habilidades fundamentais para a formação do cidadão crítico.

Para essas educadoras, não basta cumprir com o currículo formal, é preciso ir além dele. Elas percebem o mundo ao seu redor e de seus alunos como fonte fecunda de conhecimento, de maneira que o ato de ensinar acaba sendo redimensionado, isto é, que avança para além dos conteúdos programáticos e dos livros didáticos. Elas pensam, sentem, aprendem, ensinam e compartilham com seus educandos o tempo-espaço contemporâneo, no qual a complexidade aponta para a intrínseca relação entre a natureza humana e a não-humana.

As professoras parecem estar se constituindo como “sujeitos ecológicos”, na perspectiva proposta por Carvalho, 2008, conceito associado ao indivíduo que se inquieta, que se sente desafiado pelos problemas do entorno e que se despe das velhas maneiras não apenas

---

18 Este autor sugere que seja explorada outra possibilidade na educação, o par: experiência/sentido (2002).

de pensar, mas também de agir. Isto transparece em seus trabalhos, seja pelas metodologias adotadas, seja pelos conceitos que os permearam, seja pela forma como conduziram os processos de formação ou ainda pela maneira como buscaram se qualificar, neste caso através da EaD.

O que nos leva a destacar, igualmente, a preocupação com a formação de “sujeitos ecológicos” através de sua prática pedagógica.

Além de “sujeitos ecológicos” também as percebo como professoras reflexivas, pois conforme Giesta (2001, p. 20), uma prática reflexiva implica “num esforço comum para examinar problemas, buscar soluções e submetê-las à comprovação prática”. Características que podemos inferir que as professoras desenvolveram ao lermos os trabalhos propostos, nos quais encontramos os seguintes conceitos: sensibilizar e conscientizar para as questões ambientais, estimular a preservação e a valorização da natureza e do meio ambiente, estimular o senso crítico, promover a “leitura de mundo”. Ações fundamentais para impulsionar a autonomia, despertar para a responsabilidade de cada um e de todos com a sustentabilidade do planeta, ensinar a conviver respeitando a diversidade e as diferentes identidades culturais.

Destaco também o fato de três propostas terem sido realizadas em conjunto por professores de áreas distintas. Uma opção, reconhecidamente, mais complexa do que o trabalho individualizado, mas que, por seu potencial formativo, se apresenta como uma possibilidade metodológica característica da EA e está cada vez mais presente nas escolas.

A abordagem das questões ambientais através do enfoque multidisciplinar está contemplada na Agenda 21, na LDB, e é corroborada pelos estudiosos da EA. Para Sato (2001, p. 25): “Somente um estudo interdisciplinário pode compreender a complexidade ambiental. É preciso inovar a ética dos sujeitos para um novo olhar das técnicas, da produção econômica e das relações sociais.” Portanto, as práticas que se encaminharem para esse enfoque terão maiores possibilidades de êxito nos seus propósitos.

As propostas de educação ambiental desenvolvidas pelas escolas participantes desse estudo mostraram maturidade no âmbito teórico e prático, não servindo apenas como um ponto de apoio para mudanças comportamentais, nem de cuidados extremos com relação ao ambiente físico, mas apresentando potencial para favorecer a constituição de sujeitos ecológicos, conscientes, autônomos, responsáveis, reflexivos, participativos e, especialmente, éticos.

## REFERÊNCIAS:

**AGENDA 21.** Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/>>. Acesso: março de 2001.

BERNA, Vilmar. **A mudança começa em nós.** Revista Educação Ambiental em Ação. N.10, 2004. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=246&class=05>  
Acesso: setembro de 2006.

CARVALHO, I.C. M. **A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais.** In: SATO, M. & CARVALHO, I.C.M. (org) Educação Ambiental: pesquisas e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 3ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CASTRO, A. M. D. A. **Mudanças tecnológicas e suas implicações na política de formação do professor.** Ensaio. Avaliação políticas públicas em Educação. RJ, vol13, n.49, out-dez, 2005. p. 469-486.

CUNHA, M. I. **Formação docente e inovação: epistemologias e pedagogias em questão.** In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre, 2008. p. 465-476.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia,** vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS).

FREIRE, P. **Conscientização.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente**. Araraquara: JM Editora, 2001.

HAESBAERT, R; BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. In: GeoGraphia (UFF). Niterói, vol.07,2002. p. 731

HAERSBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Material impresso, Porto Alegre, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultura. 6 ed. Edições Loyola, SP, 1996.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. In: Cadernos de Pesquisa, n.118, 2003. p. 189-205

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. N. 19, 2002. p. 20-28.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez editora, 2002.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso: março de 2001.

LOUREIRO, F. In: **Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental** / Organização: Rachel Trajber, Patrícia Ramos Mendonça. – Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade,2006. Disponível em:< <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154576por.pdf>> Acesso: agosto de 2008.

MEYER, N.J & Munson, B. H. **Personalizing and Empowering Environmental Education Through Expressive Writing**. In. The Journal of Environmental Education. Vol.36, n. 03, 2005.

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO. Acesso:

<[http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com\\_content&task=view&id=199&Itemid](http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=199&Itemid)>

Acesso: outubro de 2007.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSCOVICH, S. Prefacio da obra. In: Jovchelocitch,S e Guareschi,P.(Orgs). In: *Textos em Representações Sociais*, Petrópolis:Vozes. 1994.

OLIVA, J. T. **Agenda 21: um programa para a reflexão/formação e ação no ambiente escolar**. Disponível em < <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/a21/a21txt1.htm>>

Acesso: setembro 2008.

Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) – Lei 9.795/99. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/>>

Programa Nacional de Educação Ambiental (Pronea). Disponível em:<<http://www.ibama.gov.br/educacaoambiental/pronea.htm>>

PONTUSCHKA, N. N. **A Formação Pedagógica do Professor de Geografia e as Práticas Interdisciplinares**. Tese de doutorado em Educação - USP, São Paulo,1994.

PONTUSCHKA, N. N. ; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. . **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Programa nacional de educação ambiental - ProNEA / Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. - 3. ed - Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1997.

ROUX, M. **O re-encantamento do território (O território nos rastros da complexidade)**. In: Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. Aldo Aloisio Dantas da Silva e Alex Galeno (orgs). Porto Alegre: Sulina, 2004.

RUSCHEINSKY, A. **As mediações entre o ambiental e a noção de sustentabilidade**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá /PR, v. 29, 2003.

SATO, M. **Debatendo os desafios da educação ambiental**. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Vol. 1, 2001.

SACHS, Y. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel: Fundação do desenvolvimento administrativo (FUNDAP), 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, A. R. da. **Trabalho de Campo: Prática Andante de Fazer Geografia**. Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 11, p. 61-73, 2002.

VEIGA-NETO, A. **Tensões disciplinares: recompondo antigos temas**. In: Aida Maria M. et al.. (Org.). Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão cultural. 1 ed. Recife (PE): Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 2006.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. SP: Martins Fontes, 1993.

Recebido em 28/04/2009  
Aprovado em 18/06/2009